

MÁRIO JORGE E O PLURILINGUISMO LITERÁRIO

MARIO JORGE AND LITERARY PLURILINGUALISM

Jessica Torquato Carneiroⁱ

RESUMO: Plurilinguismo literário é uma forma de nomear a escrita que possui duas ou mais línguas como uma característica que se sobressai, o que normalmente atrai teóricos que discutem como a literatura está atrelada a temas como identidades nacionais, bilinguismo, diáspora e globalismo. No presente artigo, Mário Jorge (1946-1973) foi escolhido para a observação do plurilinguismo literário, pois uma parte de sua obra foi bastante marcada por essa característica. Autores como Foerster (2014), Knauth (2007) e Marques (2012) oferecem a base teórica que ampara a discussão a respeito da escrita literária plurilíngue. Este artigo busca explorar a forma particular com que Mário Jorge utiliza o português, inglês, francês e espanhol na sua produção literária, com o intuito de promover discussões e expandir a compreensão a respeito da presença do plurilinguismo na literatura.

Palavras-chave: Plurilinguismo. Literatura. Literatura sergipana. Mário Jorge.

ABSTRACT: Literary plurilingualism is a way of naming the writing that has two or more languages as a feature that stands out, which usually attracts theorists who discuss how literature is tied to themes such as national identities, bilingualism, diaspora and globalism. In this article, Mario Jorge (1946-1973) was chosen for the observation of literary plurilingualism, since a part of his work was highly marked by this characteristic. Authors like Foerster (2014), Knauth (2007) and Marques (2012) offer the theoretical basis that supports the discussion about plurilingual literary writing. This article seeks to explore the particular way in which Mário Jorge uses Portuguese, English, French and Spanish in his literary production in order to promote discussions and expand the comprehension about the presence of plurilingualism in literature.

Keywords: Plurilingualism. Literature. Literature from Sergipe. Mario Jorge.

Submetido em: 01 fev. 2018

Aprovado em: 18 abr. 2018

ⁱ Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
E-mail: jessicatorquato_@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A presença de duas ou mais línguas em um texto literário não é um fenômeno incomum, característica que possui, inclusive, uma delimitação teórica dentro dos estudos literários, área comumente chamada de “plurilinguismo literário”. Aqui, a noção de plurilinguismo literário adotada será a que analisa a mistura de línguas em um só texto, apesar de outros tipos de análise também utilizarem essa nomenclatura.

Com base majoritariamente em Foerster (2014), Knauth (2007) e Marques (2012), será feita uma breve exposição de alguns conceitos teóricos relacionados ao tema, como: terminologia, efeitos estéticos causados pelo uso de diferentes línguas num texto, diferenças gráficas e tradução. Com o intuito de analisar textos dessa natureza, foram escolhidos dois poemas do autor sergipano Mário Jorge de Menezes Vieira (1946-1973), o qual possui uma rica e diversificada produção plurilíngue. Os poemas fazem parte da antologia poética intitulada *Cuidado Silêncios Sôltos* (mais especificamente no capítulo chamado “Marginauta”, com poemas datados de aproximadamente 1970-1972), livro que possui inúmeras produções de Mário Jorge, tanto publicadas em vida quanto postumamente, além de entrevistas, poemas e desenhos de sua autoria.

As línguas usadas por Mário Jorge em uma variedade de textos são português, inglês, espanhol e francês, com isso, o presente trabalho se propõe a analisar de que forma o uso dessas quatro línguas confere significados específicos ao texto e como tal característica ressalta a subjetiva carga cultural atrelada aos idiomas. A “simples” utilização de palavras de línguas diferentes pode atribuir novos significados a um texto por terem sido escritas em determinada língua, e não em outra. Assim, as análises apresentadas buscam compreender os possíveis efeitos estéticos causados pelo intercâmbio de idiomas na produção poética de Mário Jorge.

1 O PLURILINGUISMO E A ESCRITA LITERÁRIA

Ao iniciar uma discussão sobre o plurilinguismo literário faz-se necessário elucidar o tipo de plurilinguismo discutido, uma vez que esse termo faz referência a variados tipos de fenômenos linguístico-literários. Além da presença de diferentes línguas ao longo de um mesmo texto, o termo é também utilizado para se referir à escrita de autores bilíngues ou políglotas, que possuem obras em línguas que não são as suas línguas maternas, como o

português Fernando Pessoa, que escreveu através de pseudônimos nas línguas portuguesa, francesa e inglesa, e ainda Vladimir Nabokov, que possui publicações escritas originalmente tanto em inglês quanto em russo.

Outra referência ao termo “plurilinguismo” é encontrada em Bakhtin ao tratar da teoria do romance. Plurilinguismo e heteroglossia são termos que possuem pontos de convergência, podendo ser tidos como sinônimos nos estudos bakhtinianos (cf. FANTI, 2003). Com base em Bakhtin, a autora discorre sobre como as diferentes vozes que existem no mundo real são “imitadas” nas falas das personagens, o que implica dizer que dentro do romance pode haver personagens de variadas origens e lugares sociais, os quais são fatores que particularizam as formas articular a linguagem, como a fala do patrão e a do empregado, da criança e do adulto. A autora ressalta a noção de plurilinguismo para a teoria dialógica do discurso:

O pluralismo lingüístico, também chamado de heteroglossia e de plurilingüismo, em especial o plurilingüismo dialogizado, que “é o verdadeiro meio da enunciação”, aproxima-se, assim, da plurivocidade, isto é, da tessitura de vozes sociais que constitui o espaço enunciativo-discursivo. (FANTI, 2003, p. 102).

No âmbito da escrita literária há também produções verbais que se adequam aos mais variados gêneros textuais, como algum momento da narrativa em que as personagens trocam cartas ou quando é transcrito o trecho de uma notícia de um jornal televisivo. Logo, vê-se que nos estudos bakhtinianos o termo “plurilinguismo” faz referência ao modo como os seres humanos modificam o discurso para que se adeque aos variados contextos de enunciação, fenômeno que comporta não apenas textos que simultaneamente apresentam diferentes línguas, mas também aqueles escritos em um só idioma.

No que se refere ao uso de diferentes línguas em um texto, uma questão que se coloca ao delimitar qual *corpus* poderia ser considerado pertencente ao que as teorias sobre o plurilinguismo literário analisam é a frequência com que a mistura de línguas acontece, pois, se o critério for a coexistência de línguas estrangeiras em um texto, um enorme número de produções literárias poderiam se enquadrar neste campo de análise pelo fato de a literatura ser feita por intermédio de línguas. Estas têm, como uma de suas mais marcantes características, o quase inevitável uso de empréstimos linguísticos ou as sutis incorporações de nomes estrangeiros a determinado campo do conhecimento, como a informática ou culinária. O que se vê em análises sobre a presença de plurilinguismo em textos literários é a tendência de ser priorizado um *corpus* cuja presença de duas ou mais línguas ocorre frequentemente, passando a ser uma característica que se sobressai.

De acordo com Knauth (2007), apesar de estar em maior evidência no século XXI, este fenômeno possui antigas raízes. O autor cita casos relevância histórica, a exemplo de considerações tecidas por filósofos da Grécia Antiga:

O monolinguismo literário baseia-se em princípios estéticos, políticos e míticos. Foi instituído pela antiga retórica e poética, e foi amplamente observado durante a longa tradição dos estudos clássicos de tradução, tanto na literatura europeia quanto na americana. Retóricos antigos, como Aristóteles, Cícero, Horácio e Quintiliano, estabeleceram as normas de *puritas* ou *kithara lexis* (linguagem pura) e *perspicuitas* (transparência). A fim de evitar a impureza estilística e a obscuridade, essas normas prescreviam o uso do vocabulário nativo e não permitiam palavras estrangeiras, a menos que tivessem uma ‘licença’.¹ (KNAUTH, 2007, p. 2, tradução nossa).

O fenômeno do plurilinguismo, já percebido e regulado na Antiguidade Clássica, continua a vigorar até o presente. Na contemporaneidade, a literatura plurilíngue conquistou maior notoriedade, em especial após a premiação de alguns autores que possuem essa característica de maneira acentuada, tais como Atiq Rahimi, Aravind Adiga e Junot Diniz, que ganharam, respectivamente, os prêmios *Prix Goncour*, *British Booker Prize* e o *Pulitzer Prize*. Outro fator relevante foi a globalização, uma vez que as fronteiras nacionais ficaram cada vez mais diluídas como consequência da aproximação promovida por meios de comunicação (rádio, televisão, internet, etc.) e formas de se locomover cada vez mais ágeis e seguras. Como consequência dessa evolução, as fronteiras foram relativizadas, o que tornou mais possível as trocas culturais entre as nações, mesmo que existam grupos sociais que insistentemente tentam evitá-las.

Um fator sobre o qual normalmente se discute no âmbito do plurilinguismo literário é a noção do “leitor hipotético”, ou seja, o tipo de leitor que determinada obra tem como alvo, uma vez que, dentro do dialogismo inerente à linguagem, quem escreve tende a escrever para um “outro”. Com isso, para o autor plurilíngue, o leitor hipotético normalmente é alguém que compreende (ou que ao menos tenha a curiosidade de pesquisar) as palavras estrangeiras dispostas no texto, pois de que outra forma o leitor poderia alcançar a (mesmo que relativamente ilusória) *completude* dos significados ali existentes? Obviamente o leitor não está proibido de simplesmente pular e ignorar as partes em que línguas que ele não

¹ Literary monolingualism is based upon aesthetic, political and mythic principles. It was first instituted by antique rhetoric and poetics, and was largely observed during the long tradition of the classical *translation studii*, both in European and in American literature. Antique rhetoricians, such as Aristotle, Cicero, Horace and Quintilian, established the norms of *puritas* or *kithara lexis* (pure language) and *perspicuitas* (transparency). In order to avoid stylistic impurity and obscurity these norms prescribed the use of native vocabulary and did not allow foreign words unless they had a ‘license’.

compreende aparecem, no entanto, deve estar ciente de que essa falta poderá resultar em uma compreensão incompleta daquilo que lê. É aí que entra a edição do livro para tentar sanar essa “deficiência” do leitor monolíngue; mas nem sempre essas elucidações estão presentes.

O texto plurilíngue pode estar acompanhado de auxílios, como a tradução ou a tradução seguida da explicação do autor sobre o uso de determinada língua naquele momento do texto, o que ajuda a acomodar o leitor monolíngue. Outra particularidade que textos plurilíngues possuem é a forma de demarcar que determinada palavra é estrangeira: elas podem aparecer grifadas, em negrito, em itálico, entre aspas, etc., assim como podem estar da mesma forma que as outras palavras sem haver qualquer elemento distintivo.

Segundo Foerster (2014), um critério utilizado para determinar se uma edição disponibilizará traduções e notas explicativas pode depender do fato de ser uma produção de um autor já consagrado no cenário literário ou não. Segundo observações da autora, para os autores mais famosos, ter o texto publicado com ou sem traduções não tende a provocar diminuição nas vendas, pois, pelo nome, os leitores tendem a relevar o plurilinguismo. Por outro lado, para escritores desconhecidos, esse fator pode atrapalhar as vendas caso o leitor tenha a chance de folhear o livro e perceber que partes dele são incompreensíveis, ou de ler alguma crítica que ressalte o plurilinguismo do texto. É importante considerar que a vontade de ler um livro não depende exclusivamente de ser uma obra monolíngue, uma vez que, uma mesma obra que afugenta por ser plurilíngue, pode motivar outra pessoa a fazer a leitura.

O uso de línguas diferentes em um mesmo texto, na maioria dos casos, é motivado por algum fator estético, uma vez que o autor busca acessar sentidos que, talvez, o mesmo enunciado em sua língua materna não fosse capaz. Um fator que está bastante ligado ao plurilinguismo na literatura é marcar o lugar de origem daquele que fala. No caso do romance, conforme é possível ser observado em Marques (2012), as personagens (assim como as pessoas “reais”) tendem a trazer na maneira de falar traços distintivos do seu contexto social, apesar de haver aquelas que também “mascaram” essa característica. A presença de falas em línguas ou sotaques estrangeiros, assim como um uso lexical misto, são recursos que colocam em evidência marcas identitárias. Obras perpassadas pelo exílio, imigração, literatura oriunda de lugares que se localizam na fronteira entre dois (ou mais) países e narrativas de viagens costumam ter o plurilinguismo como elemento importante. Até mesmo origens intergalácticas ou sobrenaturais podem ser marcadas, no caso das personagens de outros planetas da ficção científica ou dos seres de mundos mágicos da literatura fantástica. Para tal efeito, há autores que criam vocábulos fictícios ou uma forma de falar diferenciada para ilustrar a origem desses seres de mundos imaginários.

Segundo Knauth (2007), ao longo da história, a escrita de textos plurilíngues assumiu, e continua a assumir, diversas faces. Na Idade Média e Renascença, por exemplo, a mistura do latim ou grego nas obras de escritores italianos, ingleses e franceses denotava refinamento e erudição por parte do autor, o que, conseqüentemente, acabava também por parcialmente selecionar o público leitor.

No entanto, a mistura de línguas não apenas age como elemento que “enobrece”, como também pode causar repúdio ao serem usadas línguas tidas como “inferiores”, como escrever algo acrescentando línguas dos nativos das Américas, os quais tiveram praticamente toda a sua bagagem cultural e linguística dizimada pelos colonizadores. Ao utilizar línguas marginalizadas, um autor estaria “rebaixando” sua escrita, devido ao preconceito fortemente difundido de que aquilo que é oriundo da cultura nativa era inferior ou até mesmo demoníaco. Tal concepção é perceptível quando se vê o lugar marginal que a literatura chamada de “chicana” ocupa, a qual surge nas fronteiras entre o norte do México e o sul dos Estados Unidos (cf. KNAUTH, 2007).

Atualmente, a língua e a cultura “chicanas” estão presentes em diversas formas de fazer literário: “*Chicano* é um fenômeno generalizado na área sudoeste dos EUA e nas áreas do norte do México; entrou em diferentes gêneros de literatura e paraliteratura, como música pop, poesia, drama e arte narrativa.”² (KNAUTH, 2007, p. 15, tradução nossa). Logo, exatamente por representar a mistura entre os povos, a literatura plurilíngue é uma forma de resistência contra a xenofobia, pois evidencia, através da mistura de línguas, a forma como as culturas estão intimamente relacionadas, por mais alguns tentem negar essa relação. O senso patriótico exacerbado pode ser um empecilho para a maior aceitação do intercâmbio de línguas, uma vez que o patriotismo possui como um de seus maiores pilares a definição e uniformização da língua falada por um povo, de modo que ela possua características que a diferencie das demais. Dessa forma, obras plurilíngues podem ser interpretadas como um fenômeno que poderia arrefecer o senso de patriotismo dos cidadãos, uma vez que a literatura é um produto cultural que fortemente colabora para a demarcação de um idioma.

De acordo com Foerster (2014), o plurilinguismo na literatura tem estreita relação com o conhecimento de diferentes línguas por parte do escritor, portanto, um fator de análise que pode ser relevante para esse tipo de estudo é a biografia linguística dos autores plurilíngues. Normalmente há interesse em saber onde nasceram, a nacionalidade dos familiares, se

² *Chicano* is a widespread phenomenon in the South-Western area of the USA and in the Northern areas of Mexico; it entered into different genres of literature and paraliterature, such as pop song, poetry, drama and narrative art.

viveram em outros países, que línguas sabiam a falar, entre outros fatores relacionados ao conhecimento de línguas estrangeiras.

O autor plurilíngue, por geralmente pertencer a grupos linguísticos variados, tem acesso a diferentes formas de se comunicar e, na sua escrita, privilegia determinada língua em detrimento de outras para expressar um sentido que não seria totalmente “captado” por um enunciado semelhante em outras línguas, pois as duas ou mais línguas que existem em sua mente não estão dispostas em subdivisões cerebrais completamente separadas, mas, na verdade, “borbulham” em um só caldeirão.

A relação entre tradução e literatura já é bastante complexa, e, quando se trata de textos plurilíngues, a complexidade se torna, talvez, ainda maior. Por essa razão, a tradução de textos plurilíngues tende a deixar intactas as partes onde há línguas estrangeiras, pois elas cumprem uma função estética naquele texto e, ao serem traduzidas, podem distorcer o que o autor pretendia conferir a esses enunciados. Além disso, um texto plurilíngue exige também um tradutor plurilíngue ou comprometido em pesquisar a fundo os enunciados ditos em outras línguas. Se o tradutor apenas ignora as partes do texto que estão em línguas estrangeiras, corre o risco de fazer uma tradução superficial, pois a obra como um todo se desenvolve também através dos enunciados plurilíngues, mesmo quando parecem ser apenas meros detalhes ou “enfeites”.

Após esta breve consideração teórica serão, trazemos algumas considerações sobre dois poemas do escritor Mário Jorge, com o intuito de tentar compreender como o uso do inglês, espanhol e francês, e a mistura dessas línguas com o português, podem gerar significados específicos nos poemas escolhidos.

2 A EXPERIÊNCIA PLURILÍNGUE DE MÁRIO JORGE

Tanto nas produções em prosa quanto em poesia, há a presença de quatro línguas nos escritos de Mário Jorge: português, inglês, francês e espanhol. Os textos estão majoritariamente em português, e, dentre os três idiomas estrangeiros, a língua inglesa aparece com mais frequência, já o francês e o espanhol aparecem menos e tem quase a mesma ocorrência.

Não foi possível precisar ao certo a biografia linguística do autor, pois não foram encontrados detalhes sobre as suas “experiências linguísticas”, como se morou ou visitou outro país, se possuía pais ou outros familiares de origem estrangeira, ou mesmo se era

proficiente nas línguas que utilizou. No entanto, um fragmento do organizador do livro, Vinicius Dantas, pode dar uma pista sobre a relação de Mário Jorge com outros idiomas:

Os poemas parecem computadores enguiçados, fala-se inglês sem ser bilíngue, projetam-se imagens visuais na tela do texto, emissões em código, quando menos se espera surge uma câmera filmando e nos observando. (VIEIRA, 1983, p. 13).

A seção a respeito do plurilinguismo de Mário Jorge vem versar sobre dois poemas do capítulo “O Marginauta”, o qual possui textos produzidos entre os anos 1970 e 1972. Os poemas não possuem título, mas, ao consultar o índice, o organizador optou por utilizar a primeira linha de cada poema como título, os quais são “Querridos:” e “quem me dera ter o som do mar”. Desse modo, serão chamados no presente trabalho da mesma forma que estão no índice. A análise se detém aos aspectos relacionados ao uso das línguas estrangeiras nos poemas de Mário Jorge, observando que influências elas podem trazer para a proposta de interpretação dos textos. No entanto, é importante mencionar que as interpretações aqui apresentadas são apenas tentativas de acesso aos sentidos construídos no poema, sem, absolutamente, tentar delimitar fronteiras para os significados possíveis da escrita de Mário Jorge. O primeiro poema a ser analisado é “quem me dera ter o som do mar”:

quem me dera ter o som do mar
 quem me dera ser o sol do mar
 quem me dera queimar as luzes
 pra iluminar as estrelas
 do seu olhar

— serenata. música eletrônica tiros de canhão ao longe.

you baby. only you can make this world seems right.
 at left birds sing.

eu quero lhe beijar de contaminações
 pra vocês verem como é a múmia
 das novas gerações, encarne baby encarne
 na minha paciência no meu coração
 meu beijo talvez tenha o germe da explosão

o charuto explode. praia e risos.

latin american people
 na festa do sol
 verão verão um verão
 de festas doidas
 nos jardins do inferno

(VIEIRA, 1983, p. 67)

O poema se constrói como uma espécie de diálogo entre o eu-lírico e alguém (ou alguéns), conforme se observa na primeira e na terceira estrofes. O contexto representado no texto parece ser uma situação festiva, conforme pode ser observado na segunda e na quinta estrofes ao se falar em “praia e risos”, assim como a descrição de “tiros de canhão”, que pode remeter a celebrações por ser um tradicional meio de saudar a presença de figuras ilustres, como presidentes e membros da monarquia. Na sexta estrofe fala-se também em “festa do sol” e “festas doidas”, o que reforça o possível contexto de enunciação do eu-lírico.

Ao longo da escrita o autor utiliza as línguas portuguesa e inglesa. O uso da língua inglesa surge em três momentos do poema, nas terceira, quarta e quinta estrofes. O primeiro momento é um fragmento da música *Only you* (1955), composição de Buck Ram que se popularizou através da interpretação do grupo *The Platters*. A alusão à canção nesse momento do texto talvez possa ser uma continuação da fala dita ao interlocutor do eu-lírico na primeira estrofe, pois a letra de *Only you* também sugere um alguém que fala para esse *outro*, exaltando-o como o único que faz o “mundo parecer certo/bom/satisfatório”. A (possível) referência à música não ocasiona qualquer mudança gráfica ou uso de aspas para indicar que se trata de algo oriundo de um texto externo, fazendo com que a língua estrangeira se integre ao texto como se não estivesse ali. Na mesma estrofe há também uma menção ao canto de passarinhos, a qual é feita em inglês: *at left birds sing*, sem nenhuma razão aparente. Esses versos contribuem para a construção do ambiente onde o eu-lírico se encontra, o que pode levar a entender que o autor descreve as sonoridades que consegue captar no espaço que ocupa, como a “música eletrônica” e os “tiros de canhão ao longe”.

Na quarta estrofe há outro breve uso da língua inglesa com a palavra *baby* como vocativo, a qual já havia sido usada anteriormente na segunda estrofe (*you baby*). Assim, o seu uso demonstra a maneira afetuosa com que o eu-lírico se dirige a esse possível interlocutor.

A frase *latin american people* aparece no início da última estrofe do poema e pode oferecer implicações interessantes para os sentidos do texto. Essa parte é seguida por menções a elementos como “festa do sol”, “verão”, “festas doidas” e “jardins do inferno”. A partir da análise desses termos, pode-se compreender o uso da língua inglesa em detrimento do mesmo enunciado em português (“povo latino-americano”) como uma troca não só de códigos linguísticos, mas também de sentidos, uma vez que a frase em língua inglesa veicula a voz do “gringo”, o que, no contexto do poema, ressalta um dos estereótipos ligados ao Brasil, como o clima tropical, a animação e as festas. Há ainda a comparação feita pela expressão “jardins do inferno”, metáfora que pode estar relacionada à exuberância da natureza testemunhada na

América do Sul (“jardins”) através da expansão marítima europeia no século XVI e à ideia de que em solo latino-americano não haveria expurgo do pecado (“inferno”) como pressuposto, por se tratar de um novo território onde as rigorosas normas religiosas exigidas pelo catolicismo não vigoravam, sendo, portanto, um lugar onde (ainda) não existia “pecado”.

Em “quem me dera ter o som do mar” é possível perceber, nos pontuais usos da língua inglesa, como Mário Jorge se utiliza de vocábulos estrangeiros para introduzir no poema elementos da cultura de um “outro”, tanto através da música quanto ao trazer para o poema a “voz” do estrangeiro.

Outro poema de Mário Jorge que se destaca no que se refere ao plurilinguismo é “Querridos”, conforme pode ser observado a seguir.

sKeys is yes dry over me, look her		
HerE & Now		
She’s going to footing		
	ball	all
	land	
bala		sol
das		o
das		rio
sala		o
das		cas
das		o
fala		ca
DA		FÉ

SEE

tossi color currandeiros nos pân de gos de ir o basfond
 fode em fords calor lentos ar ar ar – gargalham nos seus
 galhos galospanchos & villas ao Cam
 bodegam suspresos surfs mufasmáfias ao Sam.
 malos mire mim atire flowers ours
 skEyes ais on dez nine êita
 YYeSS ao LONG
 (VIEIRA, 1983, p. 36)

Em “Querridos”, Mário Jorge usa as três línguas estrangeiras comumente presentes em seus textos (inglês, francês e espanhol). No poema há a predominância do inglês e as outras duas línguas surgem em momentos pontuais, sem que haja qualquer diferença gráfica nas palavras estrangeiras.

A mistura de línguas já se inicia na primeira palavra através da imitação do sotaque francês na pronúncia aspirada da letra “r”: “querridos” e não “queridos”. Mesmo não sendo exatamente um exemplo de vocábulo da língua francesa, trocar “queridos” por “querridos” é uma forma de plurilinguismo que se dá através da maneira de um estrangeiro falar uma palavra da língua portuguesa. O mesmo pode ser observado na primeira linha da última estrofe com a palavra “currandeiros”. O uso de elementos da língua francesa se repete em um momento posterior do texto com o termo *bas-fond*, que significa “ralé” ou “lugar onde o terreno tem nível inferior”. O sentido dessa palavra pode se estender até a estrofe seguinte, podendo ser lida como “a ralé fode em Fords”.

O poema apresenta várias ocorrências do uso misturado de letras maiúsculas e minúsculas em algumas das palavras em inglês, como “sKeys”, “HerE”, “skEyes” e “YYeSS”. Com exceção de “YYeSS”, o uso intercalado de maiúsculas e minúsculas faz com que uma palavra possa conter duas (ou mais), como nos casos em que *sky* mistura-se às palavras *keys* e *eyes*, logo, elas podem ser lidas como “céus/chaves” e “céus/olhos”, termos que podem ter uma interpretação baseada na religião cristã, como a ideia de que só terá acesso ao céu quem possuir a “chave” (aqui entendida como a fé ou o cumprimento das leis divinas), assim como os “olhos” divinos que constantemente espreitam a vida humana, sempre atentos aos pecados e virtudes. Já “HerE” contém três: *he*, *her* e *here*, ou seja, “ele”, “ela/dela” e “aqui”. Após “HerE” há a palavra *now*, formando a expressão *here and now* (“aqui e agora”), que, ao levar em consideração as possibilidades de palavras presentes em “HerE”, pode-se entender essa frase como *he her here and now* (“ele ela/dela aqui e agora”).

A frase seguinte continua a fazer referência a alguma “ela” que aparece nas três primeiras estrofes (*look her* e “HerE”), indicando que ela está indo *footing* (do verbo *to foot*, que possui vários significados, dentre eles estão “caminhar” ou “dançar”) ou indo para a *footing ball all land*, o que poderia ser traduzido como “terra do futebol”³ (quando se opta por ler *footing ball* como *football*), o que significa uma provável referência ao Brasil, pois a fama do seu futebol é conhecida internacionalmente já nos anos setenta, pois no ano de 1970 a seleção brasileira tornou-se tricampeã da Copa do Mundo e teve Pelé como um dos atletas do time, o que justificaria essa interpretação da “terra do futebol”. Aqui, esse uso da língua inglesa pode ter um princípio que se assemelha ao que foi observado em *latin american*

³ O fato de que, no inglês americano, “football” ser o que é chamado, no Brasil, de “futebol americano” (“soccer” seria o que, no português, é o chamado de “futebol”), poderia impossibilitar a interpretação da frase enquanto “terra do futebol”, porém, no léxico do inglês britânico, “football” é “futebol”, logo, essa interpretação pode continuar a ser levada em consideração.

people no poema discutido anteriormente, pois também remete ao olhar estrangeiro sobre o Brasil.

Após a primeira referência ao país, outras se seguem nas duas colunas de palavras do poema (“rio”, “sol”, “fé”), o que ajuda a compreender a conexão entre as colunas de palavras e a terra chamada de *footing ball all land* (o Brasil), como a cidade do Rio de Janeiro (“rio”), o clima (“sol”) e o apego à religião (“fé”). Ao unir as palavras que se encontram dispostas separadamente nas colunas, é possível encontrar as mais variadas possibilidades de leitura como: “baladas”, “saladas”, “solo”, “ocaso”, “caso”, “café” e “oca fé”, expandindo ainda mais as possibilidades de interpretação do poema.

Ao final das colunas, está a palavra “SEE”, que, devido ao plurilinguismo do texto, pode significar tanto o verbo *to see* (ver) no imperativo ou a conjunção “se” pronunciada de forma alongada (“see”). Conforme mencionado anteriormente, a tradução de textos plurilíngues possui certas particularidades e uma delas é a de identificar em que língua está escrita determinada palavra, especialmente em textos que possuem sintaxe irregular e diferentes misturas linguísticas no meio das frases, como é o caso em Mário Jorge. Tomando o exemplo da palavra “see”, alguém traduzindo este poema para o espanhol, por exemplo, poderia entendê-la como o “se” do português e traduzir como *SII*, ou, para o inglês, como *IIF*. Outro exemplo semelhante é *on*, no penúltimo verso do poema, palavra que pode pertencer tanto ao inglês quanto ao francês.

O espanhol aparece em umas das frases finais do poema com a palavra *malos* (que significa “maus” ou “ruins”), compondo a frase “malos mire mim atire flowers ours”, o que pode significar um pedido para que esses que são *malos* (maus) mirem e atirem flores no eu-lírico. O uso do inglês continua nas estrofes seguintes, incluindo também dois jogos de palavra, como o já comentado uso de letras maiúsculas e minúsculas para incluir duas (ou mais) palavras em uma (“skEyes”), e a contagem regressiva que antecede a estrofe final do poema, que é iniciada em português (“dez nine”), e termina com um “oito” diferente, pois ele não escreve *eight*, mas opta pela interjeição “eita”, ligeiramente parecida com a pronúncia do número em inglês. Além disso, a colocação dessa palavra nesse momento da contagem regressiva pode indicar uma falta de sincronia entre a contagem e o acontecimento do evento aguardado (provavelmente o momento em que as flores seriam atiradas pelos “maus”), o qual pode ter sido iniciado antes do final da contagem regressiva, com isso, o eu-lírico expressa sua surpresa através da expressão “eita”.

Já com relação à estrofe seguinte (“YYeSS ao LONG”) vê-se a mistura entre inglês ou francês e português, e mais um uso de letras maiúsculas e minúsculas que, nesse caso, por não

formar outras palavras, pode significar a pronúncia alongada dos sons das letras *y* e *s*. A frase em si não aponta para nenhuma possibilidade de interpretação específica, mas, sabe-se que o “sim” é dito a algo chamado de “*long*”, que pode assumir uma infinidade de sentidos, pois esse vocábulo inglês (e também francês) possui vários significados diferentes, como os adjetivos “longo”, “demorado”, “esguio”, e também verbos, como *to long* (ansiar, desejar). Ao expandir ao máximo o significado de *long*, pode-se presumir que essa palavra pode, ainda, se referir a alguém, pois Long é também um nome de família.

Em “Querridos:” é possível constatar a criatividade de Mário Jorge ao incorporar vocábulos estrangeiros aos seus textos, em especial através do uso de letras maiúsculas e minúsculas para “brincar” com sons, grafias e sentidos. No texto, o plurilinguismo ajuda a dar pistas sobre os significados que o autor pode ter pretendido desenvolver, ao mesmo tempo iluminando e obscurecendo a leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar o plurilinguismo de Mário Jorge nos faz perceber as complexas possibilidades de análise que esse campo da crítica literária pode atingir.

A escrita plurilíngue de Mário Jorge representa um desafio não só pelo fato de utilizar diferentes idiomas, mas também por ter um estilo de escrita literária que se afasta da “linguagem formal” ao conectar vocábulos e sentenças sem nenhuma conexão aparente, ou ao interligar sentidos que, numa primeira leitura, parecem não ter qualquer ligação.

Portanto, interagir com os textos de Mário Jorge demanda um verdadeiro trabalho de decifração que parece ser interminável, pois é sempre possível estabelecer novas relações e enxergar significados inéditos. O uso de diferentes idiomas amplia a cortina de fumaça que encobre os seus textos, o que torna a produção literária de Mário Jorge ainda mais intrigante (e instigante).

REFERÊNCIAS

FANTI, Maria da Glória Corrêa Di. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1-2, p. 95-111, 2003.

FOERSTER, Kristina. *Dissolving Linguistic Borders? Contemporary Multilingual Literature in German-speaking Countries*. Thesis (Degree of Doctor of Philosophy in Germanic Studies) – University of Illinois, Chicago, 2014. Disponível em: https://indigo.uic.edu/bitstream/handle/10027/18772/Foerster_Kristina.pdf. Acesso em: 10 fev. 2017.

KNAUTH, K. Alfons. Literary multilingualism I: general outlines and western world. In: DE BEHAR, Lisa Block; MILDONIAN, Paola; DJIAN, Jean-Michel; KADIR, Djelal; KNAUTH, K. Alfons; ROMERO LÓPEZ, Dolores; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Ed.). *Comparative Literature: sharing knowledges for preserving Cultural Diversity*. UNESCO; Eolss Publishers, Oxford, UK, 2007. p. 146-169. (vol. II). Disponível em: <http://www.eolss.net/ebooks/sample%20chapters/c04/e6-87-07-05.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MARQUES, Isabelle Simões. O romance plurilíngue ou como a língua incorpora a cultura do outro. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 129-149, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/11825>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MICHAEL, Joachim. A heteronímia de Fernando Pessoa: literatura plurilíngue e translacional. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. especial 2, p. 160-181, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v3nespp160>. Acesso em: 10 fev. 2017.

THE FREE DICTIONARY. Dicionário eletrônico. Disponível em: <http://thefreedictionary.com>. Acesso em: 19 fev. 2017.

VIEIRA, Mário Jorge de Menezes. *Cuidado silêncios sôltos*. Organização: Vinicius Dantas. J. Andrade. São Paulo: Unicamp, 1983.